

# O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

---

---

E vamos a ellas, rapazes; fazer bem espadas, bem lanças, bem hachas, azevans e partazanas, que hão de ser muito feiradas, e cedo. Anno de çafra para o alfageme, meus amigos. Do modo que isto anda revôlto! — É trabalhar, rapazes! . . .

GARRETT, *Alfageme de Santarem*,  
ACT. I — SC. I.

Tivemos a dita de ouvir papaguear no palco de S. Bento, tres dos mais bellos pimpões d'esta dictadura com que a divina Providencia dos reis houve por bem dotar o nosso paiz.

1.º pimpão absoluto: — O sr. Antonio de Serpa Pimentel, que deu á luz um discurso explicando as aptidões governativas de Sua Magestade Fidelissima, e as venturas que a dictadura proporcionou ao Paiz e á Monarchia.

2.º pimpão mezzo-soprano: — O sr. Pinheiro Chagas, que deu á luz um parecer sobre o *bill de indemnidade*.

3.º pimpão sfogato:—O sr. Franco Castello Branco, que deu á luz um projecto de tirar coiro e cabelo.

Taes foram os tres partos capitaes e politicos do mez de maio findo, em pleno palco de S. Bento.

O parto mais difficil foi o do sr. Franco Castello Branco. O monstrosinho foi-lhe arrancado a ferros. A demora na operação chegou a impacientar a camara. O sr. presidente, que por instantes receou pela vida do parturiente, teve que pedir *atenção!* E o parturiente, todo banhado em sangue, em cifras e em suores frios, a voz estrangulada pelo *deficit*, exclamou entre lagrimas e impostos:

— «Atenção, não... mas algum... socego... se... é... possivel!...»

Nunca o parlamento assistiu a um espectaculo tão doloroso—para o contribuinte... O que eu pasmo é como ainda ha em Portugal tanta pelle para esfolar!

Oh Deus de misericordia! Não poderás dizer-nos até onde chega a paciencia ultra-contributiva do portuguez?...

\*  
\* . \*

Vamos analysar de perto esses tres abortos da nossa feira politica.

Nem sempre a occasião se nos offerece de poder analysar as ideias politicas do sr. Antonio de Serpa, mais do sr. Pinheiro Chagas, e as ideias financeiras do sr. Franco Castello Branco.

Temos diante de nós tres pimpões—tres *vultos*,

como se diz respeitosa-mente sob as arcadas do Terreiro do Paço.

Oh! os tres *vultos!* Aproximem-se, leitores! Venham vel-os!

Venham vel-os — e venham rir!...

---

Comecemos pelo sr. Antonio de Serpa. *A tout seigneur, tout honneur!* O sr. presidente do conselho passa no nosso paiz — onde as ideias são raras — por ser um politico com ideias. Vejamos em que estado S. Ex.<sup>a</sup> as tem — ou se as tem — examinando o seu discurso de 20 de maio findo, na camara dos deputados.

Vejamos a razão da sua politica e da sua dictadura. Quem sabe?... Talvez que nós andemos, injustamente, a gritar contra os dictadores. Talvez que a dictadura seja um elixir de primeira ordem... Ouçamos, pois, a voz de Sua Eminencia. Começa por fazer o elogio das faculdades governativas de Sua Magestade:

— «Subiu ao throno um principe no verdor dos annos, *sem a experiencia* que estes dão... um principe *sem pratica dos negocios publicos*...»

Bravo! Até parece um republicano condemnando o principio monarchico da hereditariedade! Sua Magestade ficou, ao que parece, tão satisfeito com este diploma de incapacidade, passado pelo presidente do seu conselho, que logo o armou gran-cruz

da Torre-e-Espada! Como são magnanimos os principes, quando lhes falta a *experiencia* e mais a *pratica*!...

E como El-Rei não tivesse, nem a *experiencia* nem a *pratica* das redeas do governo, o presidente do conselho aconselhou-o a que lhe dêsse a dictadura, para que o novo monarcha começasse o seu reinado — violando a Constituição! De modo que esta dictadura não passa d'uma *tutela* para o principe e d'uma *regencia* para o reino, tendo El-Rei como *tutor* e o Paiz como *regente*:— Sua Magestade o sr. D. Serpa Pimentel 1, d'áquem e d'além-mar, da Ethiopia, e principalmente das Arabias!...

Bonito processo de governo! Como Sua Magestade Fidelissima nada percebesse dos negocios publicos, o sr. Serpa mandou-o adquirir *experiencia* e *pratica*, emquanto o governo se arvorava em *regencia* e tomava conta do paiz — como d'um terreno baldio!

Admiravel systema! Admiravel moral!

\*  
\* \* \*

— «Eu sei que os governos se gastam pela sua *iniciativa*, e que a melhor maneira de durar *é fazer o menos possivel*... Todos os *actos de iniciativa*, por melhores que sejam, talvez por serem bons, gastam os governos.»

É a apothese do velho principio mandrião e lisboeta do *deixar-tudo-ao-Deus-dará*! Segundo o sr. Serpa, o melhor que um governo tem a fazer para se não gastar e merecer a confiança da corôa — é

não fazer nada! Nunca ninguém se atreveu a negar tão brutalmente qualquer pensamento de reforma, e qualquer ideia de progresso...

Este optimismo é digno do dr. Pangloss, de Voltaire—e da doutrina do *apita-se!* do sr. Manuel d'Assumpção. (Vidè ultimo numero do **Espectro**).

O paiz debate-se n'uma horrorosa crise financeira?... Não faça nada o governo, para se não gastar!

O paiz atravessa uma crise agricola?... Não se mexa, olhe que se gasta!

As nossas colonias correm perigo diante da brutal avidez da Inglaterra?... Fiquemos quietos como ratos, quando sentem gato no celleiro.

A instrucção publica é uma calamidade e uma vergonha?... Pelo amor de Deus! nada de reformas no ensino, aliás não nos conservamos no poder!

Oh! o bello egoismo humano e *regenerador!* Se o egoismo não existisse—tinha-o agora inventado o sr. Serpa!

\*  
\* \* \*

—«Eu não sou *socialista*, na significação que vulgarmente se dá á palavra...»

Mas não nos diz o sr. Serpa em que sentido é que é *socialista*, e como é que entende o bom *socialismo*. D'isso se escapa S. Ex.<sup>a</sup>—como velha raposa matreira—com medo de attrahir as cóleras dos Jornalistas d'alpaca, que se indignaram com o pedido dos operarios, da reduccão do dia de trabalho a oito horas.

Nada de brincadeiras! Essa coisa que para ahi chamam *socialismo* é muito séria; e o sr. Serpa corre-lhe por cima, como cão por vinha vindimada...

Papãozinho, vae-te embora  
De cima d'esse telhado;  
Deixa dormir o governo.  
O seu somno descansado!

O papão do *socialismo* é capaz de deitar a terra a caranguejola que lhes serve de palanque. O melhor é não o discutir, nem fallar n'elle...

Até se me afigura que para este ponto do seu discurso, o sr. Serpa se foi inspirar n'uma maxima de Dumas filho, que se encontra no album d'uma senhora da nossa primeira sociedade:

— «As ideias são como os prégos: quanto mais se lhes bate na cabeça, mais se enterram na parede. Não discutam nunca!...»

\*  
\* \* \*

Mas o *socialismo* ainda lhe merece esta reflexão:

— «A grande classe operaria, a classe dos homens que teem só o seu trabalho e os seus braços, precisa de ser assistida em frente das classes que teem capital...»

D'accordo, sr. Antonio de Serpa. E é por isso que os governos liberaes e democraticos que ha

pela Europa, respeitam e protegem a liberdade de reunião e de associação—para que os operarios estudem o melhor modo de se libertarem da escravidão do *capital*.

Ora o sr. Serpa que sabe e affirma no parlamento que *o operario precisa de ser assistido em frente do capital*, trata de assistir e proteger o operario—supprimindo-lhe a liberdade de reunião e de associação. Singular modo de proteger uma classe escravizada!

Nunca se disse com mais audacia a uma classe, victima dos especuladores e dos burguezes dinheirosos:

—«Bem sei que andas escravizada, e que precisas ser assistida. Sómente, não te dou o direito de te associares, de te reunires, e de discutires a tua miseria, porque me não faz conta. Continúa escrava, que nós governantes é que havemos de te proteger contra o capital!»

Mas como toda e qualquer iniciativa gasta um governo, o governo para se conservar no poder nada fará por essa classe—que continuará eternamente escrava dos patrões...

Talvez não... A classe operaria nos paizes livres, está-se movendo e trabalhando. E quando os operarios da Europa gritarem—**Liberdade!**—queira o governo ou não queira, os operarios portuguezes tambem hão de ser livres.

\*  
\* \* \*

Chegamos á liberdade d'imprensa. É uma passagem divina!

—«Eu sou, como sempre fui, partidario da ampla liberdade d'imprensa; e a nossa legislação sobre o assumpto continúa a ser uma das mais liberaes, se não a mais liberal do mundo.»

Pois não, sr. Serpa! Muito liberal, a nossa legislação. O jornalista portuguez accusado por crime d'imprensa passa em correccional, como qualquer fadista ou gatuno. Nega-se-lhe o jury, que em França é um direito, agora confirmado pela nova camara, na discussão do projecto de lei sobre a imprensa. E entrega-se em Portugal o jornalista ao capricho e aos humores do juiz, funcionario do Estado, inimigo declarado dos periodicos, e que em meia hora o julga, o condemna, e manda para a cadeia, sem mais appellação nem agravo...

Emquanto os crimes d'imprensa não forem julgados pelo jury, diga o que disser o sr. Serpa—a imprensa em Portugal nunca poderá considerar-se *livre*. Tudo quanto se disser em contrario; ou é sophisma, ou é mentira!



\* \* \*

Em politica o sr. Serpa ainda trabalha pela cartilha de Chateaubriand (1768-1848).

Queira Deus que S. Ex.<sup>a</sup> não siga na sua vida de gabinete a tal theoria de que os governos, para se não gastarem, não devem fazer absolutamente nada...

O sr. Serpa, como politico e como economista, tambem para se não gastar, parou em Chateaubriand; e parece que não toma a *iniciativa* de lér auctores um quasi nada mais modernos, para estar ao facto das variantes do sentimento politico da velha Europa, e das causas da decadencia do *liberalismo*, de 1830 para baixo.

Bem mau symptoma—porque tinha muito que aprender!

\* \* \*

Agora leiam e pasmem:—pasmem, porque é um dictador que falla!...

—«Eu quero que haja jornaes *republicanos*, democraticos, conservadores, *absolutistas*, catholicos, *protestantes*, que todos possam defender as suas ideias, porque d'ahi resulta um grande progresso moral.»

E esta!?!... Como é que póde haver jornaes *republicanos* e *absolutistas* em Portugal, desde o momento que a nova lei d'imprensa lhes não permite criticar o systema monarchico-representativo?...

Como é que póde haver jornaes *protestantes*, desde o momento que o nosso Codigo penal diz terminantemente o seguinte:

«Art. 130.º Aquelle que faltar ao respeito á religião do reino, *catholica, apostolica, romana*, será condemnado na pena de prisão correccional *desde um até dois annos*, e na multa, conforme a sua renda, *de tres mezes até tres annos*, em cada um dos casos seguintes:

.....

«2.º **Tentando** (por qualquer meio de publicação) **propagar doutrinas contrarias aos dogmas catholicos definidos pela egreja**;

«3.º *Tentando por qualquer meio fazer proselytos ou conversões para religião diferente, ou seita reprovada pela egreja.*»

E querem saber a quem se deve este Codigo penal, obra-prima digna de qualquer Inquisidor?... Ao sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, bacharel em rolhas, actual ministro da justiça!

De modo que o sr. Serpa Pimentel, aconselhando da tribuna a publicação de jornaes *protestantes*, como elemento de *grande progresso moral* para o paiz, não faz mais do que instigar os incautos a que pratiquem crimes punidos pelas leis vigentes...

Machiavelico presidente do conselho!... Onde diabo tinha o sr. Serpa a cabeça quando, para se fingir liberal, veio defender doutrinas em desacordo com as leis do paiz,—aconselhar os cidadãos a que se revoltem contra essas leis?...

\* \* \*

Sabe o sr. Serpa o que é o seu discurso?... Uma provocação publica contra a religião do Estado, crime previsto pelo artigo 483.º do Codigo penal!

Se um cidadão qualquer o tivesse proferido n'uma reunião publica, seria punido com prisão correcional, e multa de tres mezes até tres annos... Como é bom ser presidente do conselho, para se gosar da absoluta impunidade — até no crime!

O que teria sido mais correcto e mais nobre, era ter dito ao parlamento:

— «Nós fizemos dictadura porque assim o quize-  
mos, e porque tinhamos a força pelo nosso lado. Quanto a dar explicações, não damos, porque ainda dispomos da força para dar para baixo, no dia em que o paiz se faça fino!...»

E assim evitava o sr. Serpa a estopada d'um discurso, onde não ha um vislumbre de sinceridade em materia de *liberalismo*; onde tudo se sophisma, dizendo-se uma coisa na camara, e fazendo-se o contrario na rua; e onde, no desvairamento d'uma defeza sem elementos, até o orador atropella as leis que infelizmente nos regem!

\* \* \*

Tambem nos falla em Sobral de Mont'Agraço, e suas guerras e desavenças com Arruda... Diz-nos que aquellas duas povoações «casadas no mesmo

concelho» tinham necessidade de ser divorciadas por incompatibilidade de *humores!*

E vae o governo, separa-as, para salvar a Monarchia da onda republicana, e o Paiz das ladroeiras da Inglaterra!

Ora vejam de que dependia a salvação da patria — dos maus *humores* de Mont'Agraço, que se não casavam com os *humores* da Arruda...

Arruda! Arruda!... tu és os nossos peccados! ainda has de ser a causa de graves perturbações europeias!

Arruda, tem juizo! Arruda, tem proposito! Na tua mão estão os destinos da patria!...

E praza a Deus que o triste e duro fado  
De tamanhos desastres se contente;  
Que sempre um grande mal inopinado  
E' mais do que o espera a incauta gente!

\*  
\* \* \*

— «Nós podemos ter errado, mas o que se não pôde dizer é que errámos em beneficio do governo.»

Sómente erraram em beneficio dos seus-jornaes, aos quaes deram o monopolio da injuria e da calunnia que despejam quotidianamente sobre os patifes que não estejam d'accordo com o panglossismo e a falstaffice do gabinete *regenerador*. É lêr a *Tarde* de Lisboa, e mais o *Jornal de Noticias* do Porto...

\* \* \*

—«Quando a camara e o governo são de politica diversa, ou o governo ou a camara tem de sahir; o governo não podia sahir porque tinha sido nomeado n'aquella occasião (*por um principe sem experiencia e sem a pratica dos negocios!*)—portanto tinha de sahir a camara!»

Como o governo tivesse extorquido a um principe *inexperiente* a dictadura, o que é um crime—como o agiota que faz assignar uma lettra a um menor, o que leva o agiota á cadeia, em todos os paizes, menos em Portugal—o governo não esteve nem com uma, nem com duas... O governo ordenou á camara que sahisse, sem querer saber se essa camara representava ou não a vontade do Paiz...

Rua, senhores deputados, que é o governo quem manda! Da parte d'El-Rei (*que não tem experiencia, nem pratica dos negocios*), rua!... Até parece *Tartufo*, no acto v, traducção do visconde de Castilho:

Digam o que quizerem; exhalem as suas furias;  
aprendi do meu Deus a perdoar injurias!

.....  
Podem-se ir enraivando; eu cumpro os meus deveres!

E depois de ter feito novas eleições e uma maioria á sua feição, Sua Magestade D. Pimentel I, regente de Portugal e das Arabias, vem á camara, de luneta em punho, gritar como Luiz XIV:

—*L'État c'est moi!*...

Philarmônicas do meu paiz! Agora não se toca o hymno da Carta. O que hoje se toca—é a marcha funebre da Carta!

\*  
\* \* \*

Cicero disse um dia: — «Juro que salvei a Republica!» — O discurso do sr. Serpa tambem se póde resumir nas seguintes palavras:

— «Juro que salvei o meu paiz!»

Com estes ligeiros sacrificios:

— Deixando-nos roubar as colonias pela Inglaterra;

— Deixando-nos insultar por lord Salisbury;

— Organizando um desastre financeiro em Paris;

— Preparando uma crise monetaria em Portugal;

— E estrangulando a liberdade.

Á parte estas bagatellas e ninharias, em que nem vale a pena fallar — o sr. Serpa salvou a patria.

É o que se está vendo!...

\*  
\* \* \*

Em resumo: — O discurso do sr. Serpa Pimentel veio confirmar plenamente o que nós já sabiamos ha muito — que somos governados por um governo sem ideias e sem energia; sem sufficiente fé monarchica para affirmar ao paiz que El-Rei possui as qualidades, talentos e saber que são indispensaveis a um Rei; sem coragem para ser auctoritario, apesar dos decretos dictatoriaes que lançou; sem audacia para defender medidas anti-liberaes; — sem força para nada!...

Temos um governo que não póde com uma gata

pelo rabo!... O discurso do presidente do conselho é o discurso d'um velho enfermo, envenenado por velhas mixordias liberaes e demagogicas; d'um governo que na corda bamba do poder quer vêr se se sustém, fazendo maromba com a Auctoridade e com a Liberdade...

Pela bocca do sr. Serpa, diz-nos o governo que quer estar bem com a Liberdade e com o Arrôcho, com o Rei e com os Republicanos, com os Operarios e com os Patrões, com os Catholicos e com os Livres-pensadores... É a monarchia de Luiz Philippe, sem tirar nem pôr,—é o governo do *juste milieu*, que foi acabar na revolução de 1848. E assim vae fazendo tagatés e festinhas a todos os principios revolucionarios, inclusivè ao *socialismo*, dizendo-se *socialista*—o maganão!—porque não sabe de que lado sopram os ventos, e quer vêr em que param as modas...

Então, sr. Serpa, um bocadinho d'arrôcho, um bocadinho d'Inquisição, só para fazer a bocca dôce ao amigo Lopo Vaz!... Por quem é, sr. Serpa, um bocadinho de tortura e forca! Tenha a coragem da dictadura; a sufficiente coragem para dizer á camara, caso algum deputado se faça fino:—*Ego sum qui sum!*...

Tenha a coragem de dizer aos 4 milhões e 500 mil borregos que habitam em Portugal:—**Posso, quero e mando!**...

Emquanto o não disser, alto e bom som, com acompanhamento de salvas de artilheria,—a dictadura não passará d'uma pobre caraça com que o governo se mascarou, no dia em que recebemos na bocca do estomago um par de coices da Inglaterra.

Ora mascarar-se um governo n'aquelle momento,

confesse, sr. Serpa, que é escolher mal o dia para festejar o Entrudo!...

---

Ficam de vinha-d'alhos para o proximo numero do **Espectro**, o parecer do sr. Pinheiro Chagas; mais o projecto financeiro do sr. Franco Castello Branco; mais o discurso do sr. Lopo Vaz sobre a dictadura.

E se os dictadores continuam com taes ataques de verborrhêa, nunca teremos espaço para fallar d'outros assumptos!

É talvez chegado o momento de paraphrasear o poeta Boileau, na sua apostrophe a Luiz xiv:

— «Ó grande governo! cessa de asneiar, e eu cessarei de escrever!...»

---

Ha quem affirme que nós não devemos ter colonias: porque não temos excesso de população para mandar para lá; nem excesso de capitaes; nem excesso de producção industrial; nem exercito e marinha para a sua policia e defeza; nem engenheiros e companhias portuguezas para extrahirem as riquezas que por lá estão ao abandono. Finalmente, que não somos dignos de ter colonias—porque as não sabemos aproveitar.



É uma calúnia!... A Sociedade de Geographia de Lisboa acaba de provar á Europa que, se não sabemos ou não podemos aproveitá-las d'outro modo, ao menos aproveitá-mol-as com vantagem — para *menus* de jantares! Assim, por exemplo, no banquete de S. Carlos, aos exploradores, o cozinheiro da Sociedade de Geographia serviu aos convivas, entre outros acepipes coloniaes:

*Sopa á rainha do Maputo—Pastelinhos do Chire—Peixe adubado á Nyassa—Figados de pato gordo á Mashona—Ponche de cachaça makolola—Alcachofras á Zambeze—Nogado do Sanhati, etc.*

\*  
\*  
\*

Este *menu* ainda me parece um sonho! Leio-o, releio-o... e por mais que o leia e releia — sempre me parece um sonho!

Quando o inglez acaba de nos roubar o melhor do nosso dominio colonial, estar a Sociedade de Geographia comendo alegremente, ao som do hymno da Carta, pastelinhos do Chire e figados de pato gordo á Mashona — hão de confessar que é assaz funebre!

Que este fosse o *menu* d'um banquete de rego-sijo, offerecido no dia immediato ao do *ultimatum*, pelo duque de Fife e mais directores londrinos de companhias africanas, a lord Salisbury — comprehendia-se e até se lhes perdoava. Porque a ironia ingleza não costuma ter limites. Haja vista aos pamphletos de Swift — e ás caricaturas do *Punch*...

Mas que seja a Sociedade de Geographia de Lis-

boa quem approve no anno de 1890—no anno do lucto colonial—semelhante *menu*, é o que me deixa abysmado... e triste. Profundamente triste!

Deus Nosso Senhor permitta que aquelle *menu* do banquete de 19 de maio não vá cahir nas mãos do *Punch*. Se cae... que enorme gargalhada por essa Europa fóra!

---

Os redactores da *Tarde* de Lisboa e do *Jornal de Noticias* do Porto, e outros agentes provocadores assoldadados pelo governo, fervem todos os dias em cachões d'injuria, para vêr se me provocam cóleras contra o governo ou contra El-Rei, e haver assim materia para processo. Rabulice muito conhecida de Napoleão III...

Não lhes levo a mal o systema, nem os ataques. Ganham escrupulosamente os seus ordenados. E em troca das injurias que periodicamente me dirigem, vou-lhes offerecer algumas maximas de dois philosophos meus amigos—para que as meditem á hora da sésta. Vejam como sou generoso... Mando-lhes bilha de leite, por bilha d'insulto.

\*  
\* \*

A má-creação não é um vicio da alma: é o effeito de muitos vicios, da estúpida vaidade, da ignorancia dos deveres, da molleza, da estupidez, da distracção, do desprezo dos outros e da inveja.

\*

Aquelles que, sem nos conhecerem, dizem mal de nós, não nos causam damno: não são as nossas pessoas que elles atacam, mas o phantasma da sua imaginação.

LA BRUYÈRE.

\*

A calumnia é como a vespa que nos importuna, e contra a qual se não deve fazer o menor movimento, a não ser para a matar, sem o que ella volta ao ataque mais furiosa do que de começo.

\*

Ha entre o homem d'espírito mau por caracter e o homem d'espírito bom e honesto, a mesma differença que ha entre um assassino e um homem do mundo que joga as armas na perfeição.

CHAMFORT.

Então, meus senhores, que tal lhes sabe La Bruyère e mais Chamfort?... Não é verdade que conheciam na perfeição os homens e os seus sentimentos?!...

---

A mudança temporaria do titulo do **Espectro** motivada pelo tal sr. Vasconcellos, que havia requerido pelo juizo da 3.<sup>a</sup> vara civil arresto em todos os numeros d'este semanario, por usurpação de titulo

que me não pertencia, requerimento que foi depois *indeferido* pelo meritissimo juiz—provocou varias reflexões ao *Dia*. É o seu direito. Ha porém, uma insinuação frisante, pessoal e directa, que eu não posso deixar em claro, tanto mais que esse numero do *Dia* me foi mandado de Lisboa por varios amigos meus.

Diz o *Dia* que eu tenho mudado muitas vezes d'opinião—«e ha de ainda mudar, se *alguem* quizer.»

Fico esperando da lealdade e cavalheirismo do sr. Antonio Ennes, director politico do *Dia*, a quem sempre considerei como um jornalista incapaz de sujar a sua penna em qualquer allusão, insinuação ou imputação calumniosa—que me diga o que significam aquellas palavras ambiguas, e o nome do *alguem* que o *Dia* sublinha, e que é capaz de me fazer mudar de opinião, para eu saber com quem me tenho de haver.

Verá o sr. Antonio Ennes como da pelle do mysterioso *alguem* eu hei de fazer um lindo tambor.

E ha de ser tambor em dia de festa!...

*Mariano Pina.*